PSTU

Opinião Socialista

Ano XII - Edição 360 - Colaboração: R$ 2 - De 13 a 19/11/2008 - www.pstu.org.br

QUAL O SIGNIFICADO DA ELEIÇÃO DE OBAMA?

O novo rosto do imperialismo

A derrota de Bush

"A Casa continua Branca"

CASO DANTAS: NO BRASIL, INVESTIGADORES SÃO INVESTIGADOS

PÁGINA 5

POLÊMICA: É PRECISO CONSTRUIR UMA SAÍDA SOCIALISTA PARA CRISE

PÁGINA 11

20 DE NOVEMBRO: ENTRE PALMARES E A CASA BRANCA

PÁGINA 12

ABORTO – A Câmara dos Deputados do Uruguai aprovou no último dia 5, o Projeto de Lei que descrimina o aborto. O texto, porém, ainda precisa ser aprovado pelo Senado.

NÃO APRENDENDO – As mortes causadas pela epidemia de dengue no Rio não ensinaram nada aos governos. Uma nova epidemia está a caminho, segundo o ministro da Saúde, José Gomes Temporão.

PARAGUAI

No dia 1° de outubro foi assassinado no Paraguai o primeiro camponês sob o governo Lugo. Bienvenido Melgarejo, caiu morto após levar um tiro no peito durante uma feroz repressão policial contra uma ocupação situada em Colônia Guarani , localidade do Alto Paraná. Melgarejo foi um dirigente e lutador camponês da Associação de Agricultores do Alto Paraná (Asagrapa). A máscara supostamente progressista do governo começa as cair. Rafael Filizzola, ministro de Lugo deu um recado claro aos camponeses que ousarem lutar pela terra:"deixamos claro que em nenhum caso o governo admitirá nenhum tipo de atropelo à propriedade privada. Vamos fazer respeitar todos os direitos constitucionais, principalmente o da propriedade privada".

CHARGE / AMÂNCIO

PÉROLA

[Obama] tem tudo que é necessário para se dar bem, porque é jovem, bonito e bronzeado.

SILVIO BERLUSCONI, premier da Itália, numa afirmação extremamente racista. (*ClicRBS, 7/11/2008*)

BEIJAÇO

O dia 31 foi um tanto incomum no campus da Universidade de São Paulo. Na data foi realizado um beijaço gay em protesto a homofobia. Recentemente, depois de se beijarem dois jovens foram retirados à força de uma festa do Centro Acadêmico de Medicina Veterinária. O DJ (que é presidente do CA) parou o som, acendeu as luzes e declarou a festa encerrada. No beijaço, os manifestantes promoveram um sonoro apitaço enquanto repetiam a palavra de ordem: "Para combater a homofobia, nossa luta é todo dia".

DEMISSÕES 1

Cerca de 15 mil trabalhadores da Zona Franca de Manaus receberam férias coletivas antecipadas em outubro. A medida, tomada por 16 empresas, foi motivada pela crise econômica mundial. O clima entre os operários é de apreensão. O receio é justificado: desde o início do ano, o desemprego na Zona Franca aumentou 12% com relação ao mesmo período em 2007. Segundo o jornal O Globo, em setembro as dispensas aumentaram 19%. E as contratações normais de fim de ano já diminuíram. Mas o que chamou a atenção foi a postura do Sindicato dos Metalúrgicos de Manaus. Ao invés de preparar a resistência dos trabalhadores contra as demissões, o sindicato defendeu as férias coletivas sem remunerações.

Pessoas na fila para serem atendidas na Central de Atendimento ao Trabalhador

DEMISSÕES 2

Outubro registrou um crescimento de 19% no corte de vagas nas empresas norte-americanas. Comparado com o outubro de 2007, o crescimento das demissões chega a 79%. Segundo a consultoria Challenger, Gray & Christmas é o maior índice de cortes desde janeiro de 2004. O número de demissões em 2008 chega a quase 1 milhão de pessoas com grandes cortes principalmente no setores financeiro e automotivo. Com isso o nível de desemprego no país subiu de 6,1% para 6,3% e deve chegar a 8%.

CARTAS

ESPECIAL CRISE

O especial de vocês sobre a crise econômica está demais. Os materiais estão bem diversos e bem informativos. E a estética da página está bem legal, parabéns pelo trabalho. E gostei muito de ver que vocês se preocupam em informar as conseqüências da crise entre os trabalhadores, como as lutas e situações das fábricas como Boeing, GM, Ford, Volks etc. Parabéns.

ANDRÉ, de São Paulo (SP), por e-mail

TORQUATO

Gosto muito da área destinada à cultura do site. Quero propor que se fale sobre Torquato Neto. Ele, além do gênio que foi, afirmava que, ou a sociedade mudava radicalmente, ou ela se desintregaria (...).

JOÃO PAULO, de Teresina (PI), por e-mail

FALE COM A REDAÇÃO

Gostou de um artigo? Achou algum erro? Envie a sua mensagem para o Opinião Socialista e o Portal do PSTU, com sugestões, opiniões ou críticas. Envie sua mensagem para opiniao@pstu.org.br e site@pstu.org.br.

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 - e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gaylesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)- CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utinga - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CENTRO Rua Vigário Bartolomeu, nº 281-B

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166 *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho *edcosta16@itelefonica.com.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 *guarulhos@pstu.org.br*
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Elíseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186 saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

O QUE HÁ DE COMUM ENTRE LULA E OBAMA?

Entre eles existem grandes diferenças. A começar pelo fato de que um é presidente da maior potência imperialista e outro de um país dominado, como o Brasil. Um é representante de um partido de direita tradicional dos EUA. O outro de um partido operário reformista no Brasil.

Mas existem também semelhanças. Muitos diriam que os dois representam a esperança para melhorar o mundo. Nós dizemos, porém, que ambos simbolizam grandes ilusões e levarão a enormes frustrações.

O EFEITO OBAMA

A crise econômica internacional vai produzir grandes mudanças na situação política internacional. Uma crise que já é a mais grave desde 1929 não poderia deixar de ter conseqüências políticas importantes. Podemos dizer que a eleição de Obama é a primeira delas.

Seria impossível a vitória de candidato um negro a presidência dos Estados Unidos caso essa crise não tivesse iniciado. Já existia uma crise política nos EUA, em particular pelos fracassos do governo Bush no Iraque. O surgimento da crise econômica ampliou a crise política: um enorme sentimento de mudança foi canalizado pela candidatura do democrata.

Mas não é só isso que explica a vitória de Obama. A verdade é que a grande burguesia norte-americana o apoiou majoritariamente, como uma manobra preventiva cujo objetivo é evitar uma crise política maior. Essa é a única explicação para o grande financiamento de sua campanha, assim como para sua indicação pelo Partido Democrata.

Respeitamos o sentimento e as ilusões dos trabalhadores de todo o mundo em Obama, em particular dos trabalhadores negros e negras. É natural que acreditem nele. A maioria não analisa a sociedade a partir dos interesses das classes sociais, mas "das pessoas".

Mas não se pode entender a evolução de uma sociedade a não ser pelo conflito entre as classes. É por isso que o marxismo pode analisar e prever as tendências gerais da evolução da realidade.

É a burguesia norte-americana, a mais poderosa do planeta, que segue no poder nos EUA. Obama é hoje o maior representante das empresas multinacionais que financiam os democratas, e não dos trabalhadores negros. E essa diferença de classe é a que vai prevalecer e não a da cor.

As pessoas acreditam Obama porque também não desejam o agravamento da crise. No entanto, a crise, inevitavelmente, vai se aprofundar. Estamos vendo apenas o seu início.

Queremos afirmar, contra toda essa maré, que a situação dos trabalhadores, ao contrário do que eles pensam, vai piorar com Obama. E a dos trabalhadores negros vai piorar ainda mais.

A crise econômica é sempre descarregada pelas grandes empresas nas costas dos trabalhadores, com reduções salariais e demissões. Os setores oprimidos, como as mulheres e os negros, serão os primeiros a serem afetados.

O EFEITO LULA SOBRE A CRISE

Esse tipo de engano acontece também no Brasil, embora com características diferentes. A maioria dos trabalhadores acredita em Lula. Eles dizem que *"é correto que Lula dê dinheiro para os bancos, as montadoras de automóveis e empresas da construção civil. Afinal é para evitar a crise"*.

Mas nenhuma destas medidas vai evitar a recessão. Na verdade, esse dinheiro não é para isto, mas para salvar essas grandes empresas. Este é mais um exemplo de como as classes dominantes faz aparecer os seus próprios interesses como os da sociedade.

A maioria já esqueceu que em 1996, Lula repudiou violentamente o PROER (programa de ajuda aos bancos de FHC). Na época, o programa custou 24 bilhões de dólares. Lula já deu para as grandes empresas 179 bilhões de reais, mais de três vezes o que foi gasto com o PROER.

O interesse dos trabalhadores não está sendo contemplado. O governo federal poderia decretar a estabilidade no emprego para os trabalhadores e punir as empresas que demitam. Ou ainda, poderia usar os 179 bilhões que entregou as empresas para dar um salário extra de 345 reais para todos os trabalhadores que ganham até dois salários mínimos.

Com este dinheiro o governo poderia financiar um plano de obras públicas para acabar com o desemprego no Brasil. Assim, o país realizaria um grande mutirão para a construção de seis milhões de casas populares (o déficit habitacional brasileiro) a um custo de vinte mil reais cada, totalizando um gasto de 120 bilhões. E ainda sobrariam 48 bilhões para dobrar o orçamento da saúde.

ACOMPANHE AS PALESTRAS E DEBATES SOBRE A CRISE

O PSTU e muitos sindicatos estão promovendo debates sobre a crise econômica e as conseqüências para os trabalhadores. Já foram realizadas reuniões em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, São José dos Campos, Florianópolis, Fortaleza e Porto Alegre, entre outras. Confira as próximas atividades.

SEXTA, 14.NOV
SÃO PAULO (SP)
18h30 – no Sintrajud (R. Antônio de Godoy, 88)
Com Jason T. Borba (Depto. de Economia FEA-PUCSP e Assoc. Espaço Marx-SP) e João Ricardo Soares (Direção Nacional do PSTU)

SÁBADO, 15.NOV
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)
16h – no Pinheirinho, com Toninho, ex-candidato a prefeito pelo PSTU

SÁBADO, 22.NOV
CONGONHAS (MG)
9h – Debate promovido pelo Metabase, sindicato dos trabalhadores da mineração. Com Nazareno Godeiro, do Ilaese

QUINTA-FEIRA, 27.NOV
RECIFE (PE)
19h - Auditório do MTC (Rua Gervásio Pires, Centro)

ÚLTIMA PARADA 174: DA TRAGÉDIA AO MELODRAMA

FILME APRESENTA TRAGÉDIA como um destino do qual Sandro, ex-menor de rua e sobrevivente do Massacre da Candelária, não poderia escapar

***WILSON H. DA SILVA**, da redação*

O filme brasileiro escolhido para disputar uma vaga ao Oscar de melhor produção estrangeira é "Última Parada 174", de Bruno Barreto. O filme é baseado num episódio que ficou conhecido como o seqüestro do ônibus 174, que ocorreu no Rio de Janeiro, em julho de 2000. A desastrada e criminosa ação do Bope resultou no assassinato de uma refém, a professora Geísa Firmo, e do seqüestrador, Sandro do Nascimento (numa "lambança" semelhante ao episódio recente, com a menina Eloá).

Barreto afirma que seu filme foi inspirado pelo documentário "Ônibus 174" (2003), dirigido por José Padilha (mais conhecido pela direção de "Tropa de elite"). Até por isso, é impossível comentar o filme de ficção sem falar do documentário.

Representações distintas sobre uma tragédia em que se mesclam histórias de abandono, descaso social, racismo e a lógica assassina dos órgãos de repressão, os dois filmes, contudo, diferem em muito mais do que o fato de que um é "documentário" e outro "ficção".

Na verdade, ao "recontar" a história com o sempre admitido objetivo da família Barreto de alcançar sucesso comercial, "Última Parada" produz uma versão que joga o grosso da história para o campo das tragédias pessoais. A ficção atribui o absurdo final da história de Geísa e Sandro a uma espécie de sucessão de erros causados (no filme) tanto pelo acaso quanto pela dura realidade que cercava a vida destes seres humanos transformados em personagens.

BASEADO NUMA HISTÓRIA REAL?

Pra começo de conversa, é necessário lembrar que as manifestações artísticas não podem ser avaliadas pela fidelidade ou não à realidade. Este não é um critério nem para documentários nem para filmes de ficção.

Ambos devem ser vistos como "discursos" ou reflexões sobre a realidade, sempre impregnados pela complexa e dialética relação que os diretores e artistas envolvidos numa produção mantém com a ideologia dominante e com a própria realidade.

Como exemplo, basta lembrar que documentários como os de Michael Moore ("Tiros em Columbine", "Fahrenheit 9/11") são muito mais reflexões sobre a "Era Bush" do que "relatos" sobre um tiroteio numa escola secundarista ou os atentados às Torres Gêmeas. Por sua vez bons filmes, inteiramente ficcionais (como "Blade Runner: o caçador de andróides, de Ridley Scott) nos dizem muito sobre a época em que foram produzidos e angústias do ser humano do que qualquer outra coisa.

No cinema, geralmente, este "discurso" fica evidente na própria estrutura do filme e nas escolhas feitas pelos diretores. Neste sentido, vale a pena lembrar as cenas que abrem e fecham os filmes de Barreto (e, depois, de Padilha) para entendermos melhor a que eles vieram e que tipo de reflexão propõem.

CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA

Neste sentido, não pode ser considerado como um "acaso" o fato de que a primeira imagem de "Última Parada 174" é a de uma "novela global". Só depois vemos que a TV está num barraco imundo, onde uma mulher negra, completamente "chapada", amamenta um garoto em meio a garrafas de bebida e baforadas de cigarro. Não demora muito, um traficante armado, invade o barraco e toma a criança.

Esse garoto, como saberemos depois, é Alessandro, um personagem fictício que, no decorrer do filme, vai servir como uma espécie de "irmão" do personagem "real", o Sandro, que a câmera, depois de atravessar a "cidade maravilhosa", localiza na negra e miserável cidade de São Gonçalo, onde o garoto assiste a própria mãe ser degolada no bar em que trabalhava.

A partir daí, o filme de Barreto acompanha a "via crucis" de Sandro – um dos sobreviventes do "Massacre da Candelária", em 1993, quando sete meninos de rua foram mortos por "justiceiros". O ritmo e o tom do filme são muito próximos aos das novelas. Tem um pouco de tudo: fugas mirabolantes, troca de identidade, romance e, até, momentos de crítica à injustiça social e às instituições.

Fiel ao que declarou quando do lançamento do filme, Barreto constrói "uma história humana, na qual o ônibus 174 é apenas o clímax". Uma concepção que poderia ser considerada louvável se, no filme, o tal clímax não fosse apontado como uma lamentável sucessão de eventos dispersos e casuais, banalidades, que acabaram em tragédia.

Neste sentido, a seqüência que antecede o seqüestro é reveladora. No caminho para o ônibus, uma decepção amorosa, um copo quebrado, uma sirene do carro da polícia e muita cocaína detonam em Sandro o "monstro incontrolável" que o Brasil acompanhou pela TV nas intermináveis horas do seqüestro.

Como que num folhetim barato, Sandro caminha para seu "clímax", como se conduzido por uma sucessão de coincidências e erros. Ele caminha para cumprir um "destino" pré-determinado do qual não poderia escapar, a não ser por pura sorte ou pela intervenção de "alguém" (um amor, uma mãe, um irmão, bem ao estilo das novelas).

Como todos sabem, a vida real foi bastante mais cruel. Geísa foi morta por um disparo infeliz de um soldado do Bope. Sandro foi covardemente asfixiado dentro do camburão. Todos os policiais envolvidos foram inocentados e meninos e meninas de rua continuam se multiplicando aos milhares, transformando-se, cotidianamente, em sujeitos e vítimas de todo o tipo de violência.

PRA ALÉM DAS CÂMERAS

Com uma história como essa, nem mesmo Bruno Barreto poderia insinuar um final feliz. Mas a última imagem que vemos, reunindo mãe e filho há muito separados, parece ter a nítida intenção de deixar uma pontinha de esperança em meio ao desolamento de um cemitério.

O documentário de Padilha também tem a sua cena final em um cemitério. Contudo, em "Ônibus 174", o que vemos é o caixão solitário de Sandro, carregado apenas pelo coveiro, e acompanhado por Dona Elza, que o havia adotado como filho.

O desolamento da cena faz ecoar as vozes de crianças de rua, que, no início do documentário, comentam, enquanto a câmera sobrevoa o Rio, "que não tem mais jeito de ser feliz". Uma constatação que, como lembra Yvonne Bezerra, a assistente social que acompanhou boa parte da vida de Sandro, tem tudo a ver com a realidade. Das 62 crianças que sobreviveram ao Massacre da Candelária, 39 foram assassinadas nos anos seguintes e muitas estão desaparecidas.

Fruto da concepção de mundo de um cineasta que sempre teve o mercado como "parâmetro" (basta lembrar que são de Bruno Barreto filmes como "Dona Flor e seus dois maridos" e o particularmente ruim "O que é isso companheiro?"), "Última Parada 174" é um daqueles filmes que só precisa ser visto "nas entrelinhas" e o fato de ter sido escolhido para representar o Brasil na "corrida para o Oscar" fala muito mais sobre suas pretensões comerciais do que sua qualidade. Conseqüentemente, é bastante frágil como reflexão sobre um mundo em que histórias como as de Sandro e Geiza se repetem todos os dias.

O COMEÇO E O FIM

PRIMEIRAS E ÚLTIMAS CENAS mostram concepção dos dois filmes

	'ÔNIBUS 174' DOCUMENTÁRIO (JOSÉ PADILHA, 2003)	'ÚLTIMA PARADA 174' FICÇÃO (BRUNO BARRETO, 2008)
CENA INICIAL	Imagens aéreas da orla do Rio, com favelas e prédios de luxo. Ao fundo, crianças que moram nas ruas contam suas histórias. Uma diz: "Quer saber? Não tem mais jeito de ser feliz não".	A primeira imagem é a de uma novela. A TV está num barraco imundo, e uma mulher negra, entorpecida, amamenta um garoto em meio a garrafas de bebida e baforadas de cigarro.
CENA FINAL	Em um cemitério, vemos o caixão solitário de Sandro. Além do coveiro, que carrega o caixão, o enterro é acompanhado apenas por sua mãe adotiva.	O encontro de uma mãe com seu filho há muito separados. Parece dar uma ponta de esperança, próximo de um final feliz, em meio ao desolamento do cemitério.

POLÍCIA FEDERAL MEXEU COM QUEM NÃO DEVIA

ASDRUBAL BARBOZA,
de São Paulo (SP)

É, esse negócio de prender gente rica no Brasil não dá certo mesmo. Cadeia é feita para pobre. Quem está aprendendo esta lição agora são alguns delegados e investigadores da Polícia Federal e juízes de primeira instância.

Em 8 de julho deste ano, a chamada "Operação Satiagraha" da Polícia Federal levou à prisão o banqueiro Daniel Dantas, o especulador Naji Nahas, o ex-prefeito Celso Pitta e mais 14 acusados de corrupção, evasão de divisas, crime contra o sistema financeiro e lavagem de dinheiro. A primeira ordem de prisão partiu do juiz Fausto Martin de Sanctis, da Vara Criminal Federal especializada em processo sobre crimes financeiros e de colarinho-branco. Ele acolheu pedido feito pelo delegado Protógenes Queiroz.

No mesmo dia, o presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Gilmar Mendes, atacou com duras críticas os métodos para a prisão dos acusados, condenando o uso de algemas e a exposição à mídia. No dia 10, Mendes concedeu habeas corpus a Dantas, que foi solto, mas retornou à carceragem dez horas depois, dessa vez com prisão preventiva por suborno decretada por Sanctis. O banqueiro teria oferecido, através de Humberto José da Rocha Braz, que também foi preso, R$ 1 milhão para corromper um delegado federal em troca do arquivamento de inquérito sobre as atividades de seu grupo.

Daniel Dantas — AG.BRASIL

Naji Nahas

Celso Pitta

O presidente do Supremo reagiu com novo habeas corpus, colocando Dantas definitivamente em liberdade. Ele ainda acusou Sanctis de desobediência. Mendes ironizou: *"Estava imbuído das melhores intenções porque de fato estava convencido de que 'vi Deus' e que a minha missão é prender as pessoas. Abrigue-se numa igreja, porque o Estado de Direito é para os homens"*.

Quase uma semana depois, no dia 16 de julho, o delegado Protógenes foi afastado da Satiagraha. Supostamente, por ter usado agentes da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) na operação.

OS SEM-ALGEMAS

Em meados de agosto, fruto destas prisões, o STF editou uma súmula vinculante restringindo o uso de algemas em operações da polícia. Diga-se de passagem, uma prática que já foi abolida nas periferias das grandes cidades onde jovens negros são mortos sem algemas.

Agora, no dia 5 de novembro, mandados judiciais de busca e apreensão foram realizados pela Polícia Federal no apartamento do delegado Protógenes Queiroz, no quarto do hotel em que costuma hospedar-se, em São Paulo, e no apartamento de seu filho, no Rio de Janeiro. Os policiais levaram um notebook, o telefone celular e um rádio.

No mesmo dia, o delegado Paulo Lacerda, apontado como o comandante informal da Operação Satiagraha, teve seu afastamento da direção da Abin renovado. Assim como o diretor-adjunto, José Milton Campana, e do chefe do Departamento de Contra-Inteligência, Paulo Maurício Fortunato Pinto.

E para finalizar, no mesmo dia, o STF validou o habeas corpus concedido pelo presidente do tribunal, ministro Gilmar Mendes, a Daniel Dantas. O juiz Fausto de Sanctis foi desqualificado neste julgamento. O ministro Celso de Mello afirmou que Sanctis cometeu um ato *"insolente, insólito e ilícito"*. *"Essa Corte não pode tolerar abusos"*, disse. Realmente, é um abuso prender um banqueiro.

Final da história: os bandidos do colarinho branco (Dantas, Naji e Pitta) estão livres. O delegado da PF, investigado. E o juiz que o prendeu desqualificado. Esta é a justiça burguesa.

POBRE BANQUEIRO

Mas, também, querem prender logo o Dantas? Vejam só a vida do pobre banqueiro que eles tentam incriminar.

Dantas voltou à cena nacional durante a privatização do sistema Telebrás, em 1998. Liderou o bloco que arrematou a Brasil Telecom, participou da negociata com o Opportunity Fund criado nas Ilhas Cayman, tendo como diretores, além dele, Pérsio Arida e a irmã Verônica Dantas. Arida foi presidente do BNDES e do Banco Central e ajudou a montar o programa de desestatização.

Com fortes amigos no PSDB e no governo FHC, valeu-se de sua influência, teve informações privilegiadas e conseguiu do governo autorização para administrar os bilionários recursos dos fundos de pensão (cerca de US$1 bilhão, à época).

Em 2004, a Brasil Telecom foi acusada de contratar a Kroll para espionar a Telecom Itália. Violou sigilos telefônicos de empresas e pessoas para facilitar os esquemas de compra, venda, recompra e tudo o que se possa imaginar em termos de "negócios" no setor de telefonia. Foi destituído do controle da empresa em 2005.

A filha de Serra, Verônica Serra, sócia do pai, foi também sócia de Verônica Dantas, em uma empresa localizada em Miami, usada para a lavagem de dinheiro de campanha do PSDB, fechada em 2002. José Serra entregou a CESP para Najas e Dantas privatizá-las, afinal eles tinham experiência no tema.

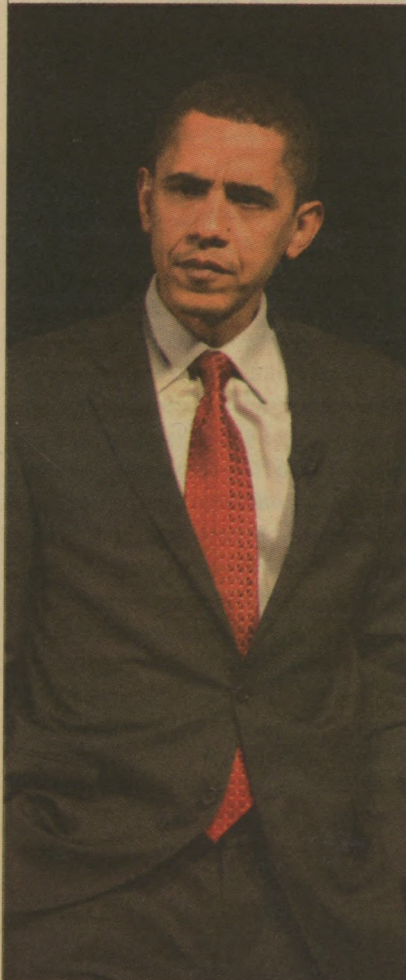
Após a posse do presidente Lula em 2003, Dantas permaneceu onde sempre esteve, junto ao poder. Para se ter uma idéia José Dirceu, ex-chefe da Casa Civil, era visto como o elo entre Dantas e o governo.

Um de seus principais parceiro no governo é Mangabeira Unger, Ministro da Secretaria de Planejamento a Longo Prazo. Antes de assumir o cargo no governo, Unger era "trustee" (procurador) da Brasil Telecom que estava sob o controle de Dantas.

Mangabeira foi figura fundamental nos projetos de mineração e agronegócio, centro de investimentos do Opportunity na região Amazônica, principalmente no Pará. A empresa adquiriu nos últimos três anos, 600 mil hectares de terras e cerca de meio milhão de cabeças de gado.

Sobre isso, o relatório da PF afirma: *"ao que tudo indica, Mangabeira estrategicamente favorecia a política de expansão do Norte do país buscada por Dantas"*. Como fonte privilegiada de "informações estratégicas" no governo federal.

A ficha de Daniel Dantas tem conspiração, infiltração policial, retaliações, pressões empresariais, espionagem, ameaças, corrupção de agentes públicos, lavagem de dinheiro, evasão de divisas e fraudes fiscais. Talvez o delegado Protógenes esteja aprendendo, da pior forma possível, que o Estado burguês nunca fará justiça e punirá os grandes bandidos de colarinho branco.

Como será os Estados Unidos de Barack Obama?

JEFERSON CHOMA, da redação

Barack Hussein Obama é o novo presidente dos Estados Unidos. Não há dúvida que a eleição do primeiro negro a presidência da mais poderosa nação do mundo tem enorme impacto na consciência de milhões. A eleição de um presidente negro era algo impensável há alguns anos.

Milhões saíram às ruas para festejar, sobretudo jovens, mulheres, trabalhadores e a população negra, fartos de George W. Bush. Todos vêem no primeiro presidente negro da história dos EUA a possibilidade de resgatar a esperança.

A eleição de Obama foi comemorada não só nos EUA, mas em todo o mundo. Da Palestina ao Japão, da Inglaterra a África do Sul, milhões de explorados comemoraram a saída de Bush e demonstraram sua simpatia ao novo presidente, esperando que as "coisas mudem".

Mas festejaram também os grandes capitalistas e seus representantes. A burguesia norte-americana comemorou porque conseguiu realizar com sucesso a troca do desgastado e desprestigiado governo Bush. Até os supostos governos de esquerda da América Latina, como o de Hugo Chávez (Venezuela), Evo Morales (Bolívia) e Lula festejaram o triunfo de Obama.

Mas qual é o significado da vitória de Obama? Porque explorados e exploradores comemoraram sua vitória? Sua eleição representa alguma mudança na dominação imperialista? Seria apenas a escolha de um novo rosto para enfrentar dificuldades do imperialismo norte-americano no mundo e em seu próprio país?

As esperanças e as ilusões em Obama

A CAMPANHA DE OBAMA ENTUSIASMOU milhões que desconfiavam da política feita pelos dois grandes partidos dos EUA

No imaginário da população, Obama é o oposto de Bush. O democrata oferecia uma nova imagem, de um homem negro e jovem com um discurso conciliador, supostamente sensível às necessidades de um povo abandonado por seus governantes. Nas primárias do Partido Democrata, Obama venceu a extraordinária máquina dos Clinton, que representavam o mais do mesmo.

A imagem de Obama não era vinculada aos tradicionais políticos corruptos de Washington. Por isso, sua campanha tornou-se um formidável instrumento para recuperar o prestígio do desgastado e corrupto regime bipartidário norte-americano. Sua campanha capitalizou o voto da população negra, dos latinos e da juventude, que antes não expressavam interesse pela política nacional.

Mais do que invocar clichês ianques, em seu discurso de vitória Obama fez questão de afirmar a força da democracia burguesia norte-americana, dizendo que ao chegar à presidência era uma mostra de que sua "América" é um país onde tudo é possível, onde as oportunidades não têm limites.

OPÇÃO DA BURGUESIA

Contudo, esqueceu de agregar que isso só foi possível graças aos milhões de dólares investidos pela burguesia em sua campanha. Obama realizou a campanha mais cara da história dos EUA. Recebeu o apoio de grandes multinacionais e dos principais bancos financeiros e dos setores mais dinâmicos da burguesia, como os de tecnologia e de comunicação.

Obama foi uma opção da burguesia mais poderosa do planeta. Algo que se vê no financiamento da sua campanha. Enquanto John McCain coletou US$ 360 milhões, Barack Obama arrecadou US$ 639 milhões.

O sistema político norte-americano baseia-se na existência de dois grandes partidos (republicano e democrata). É certo que os partidos possuem diferenças, mas ambos servem para manter o regime de dominação imperialista.

Os republicanos costumam ser lembrados por suas políticas reacionárias, mas os governos democratas também têm um histórico sujo de agressões. John Kennedy, por exemplo, ordenou a agressão contra a revolução cubana, em 1962, na invasão à Baía dos Porcos. Lindon Jonhson aprofundou o envolvimento dos EUA na guerra do Vietnã. E Harry Truman lançou as bombas atômicas contra o Japão.

É lógico que Obama dá um novo rosto ao regime e desperta ilusões. Mas a opção da burguesia por um presidente negro é justamente uma medida preventiva contra um dos potenciais efeitos da recessão econômica: a temida explosão do barril de pólvora que está se armando nos EUA.

UM GIGANTESCO 'NÃO' AO GOVERNO BUSH

MAIS DO QUE UMA ELEIÇÃO presidencial, os votos do dia 4 de novembro tiveram o significado de um plebiscito

A vitória de Obama só pode ser explicada a partir da derrota de toda a política do governo Bush. Em filas de espera de até quatro horas, mais de cem milhões de pessoas aguardava para dizer "não" ao presidente George W. Bush.

O governo de George W. Bush levará para a história o sangue de genocídios e torturas e seu governo será lembrado pela maior crise da economia capitalista desde 1929. Bush foi eleito presidente dos EUA em 2000, em um processo fraudado, num cenário de profundo questionamento da globalização capitalista e dos planos neoliberais. Em 2000 e 2001, o capitalismo produz uma nova crise econômica. Nos países imperialistas, surgiu um movimento anti-globalização, que posteriormente foi capaz de organizar uma mobilização internacional contra a guerra do Iraque.

A crise fez da América Latina um palco de levantes e revoluções, como no Equador, na Bolívia e na Argentina. Governos abertamente neoliberais foram derrubados ou substituídos eleitoralmente. Como expressão distorcida deste processo, uma onda de governos supostamente de esquerda varreu o continente.

PACOTE MILITAR

O auge do neoliberalismo dos anos 1990 tinha ficado claramente para trás. Seu declínio apenas começava. Bush assume com o plano agressivo de tentar retornar a situação reacionária da década de 1990 e impedir o ascenso do movimento de massas. Os atentados de 11 de setembro de 2001 foram a desculpa para presidente americano lançar sua doutrina reacionária de "Guerra ao Terror" e lançar uma ofensiva genocida militar no Afeganistão e no Iraque. O objetivo da guerra é roubar o petróleo iraquiano, mas ela também foi usada como remédio temporário para a crise econômica, aumentando a produção de armamentos. O enorme aparato militar consumiu bilhões dos cofres públicos. O resultado imediato foi o espetacular aumento do déficit fiscal e da desigualdade social.

Bush ainda lançou novas ofensivas para a Alca (Área de Livre Comércio das Américas) e tratados bilaterais de livre comércio, os TLCs. Também tentou ampliar o número de bases militares do imperialismo no continente.

Mas nem tudo saiu como o planejado. Bush prometia uma vitória rápida no Iraque. Imaginava um governo fantoche para que as empresas norte-americanas retirassem o petróleo. No entanto, mesmo enviando mais soldados e torrando 12 bilhões de dólares por mês, a resistência do povo iraquiano derrotou este plano. E a ocupação se transformou num pântano que encurralou as tropas invasoras. A guerra se tornou extremamente impopular dentro e fora dos EUA. A situação é crítica para o imperialismo e dificilmente será resolvida a curto prazo.

As guerras de Bush despertaram uma profunda consciência antiimperialista em todo o mundo. Bush é uma figura odiada no mundo todo. Quando visita algum país é recebido com pedras. Os governos do imperialismo europeu deixaram de respaldar publicamente as ações do governo norte-americano. Os que seguiram inteiramente com Bush amargaram profundas derrotas eleitorais.

Na América Latina, o plano da Alca foi derrotado. Os governos que insistiram em TLCs tiveram que se enfrentar com os trabalhadores e acumularam um profundo desgaste.

O fracasso de Bush se refletiu no plano interno. Bilhões eram retirados dos serviços públicos e destinados à guerra – o que ficou explícito no descaso as vítimas do furacão Katrina. Somam-se ainda os inúmeros escândalos de corrupção; a mentira das armas de destruição em massa no Iraque; as torturas a supostos terroristas; as grandes mobilizações dos trabalhadores imigrantes, a precariedade do sistema de saúde e, finalmente, a explosão de uma nova crise econômica que está levando a economia norte-americana a recessão.

COMO OBAMA VAI ENFRENTAR A CRISE?

DIANTE DE TAXAS RECORDES de desemprego e iminentes quebras de empresas, presidente eleito fala em dias difíceis. Prestígio eleitoral será usado para garantir medidas impopulares.

Os EUA estão à beira da recessão. Obama, como representante da classe dominante norte-americana, buscará aplicar receitas duríssimas, que atingirão em cheio os trabalhadores, os negros e latinos.

O país já atingiu o maior desemprego dos últimos anos. A taxa de desemprego saiu de 6,1% em setembro para 6,5% em outubro, o mais alto patamar desde março de 1994. A onda de demissões está varrendo o setor financeiro, automotivo e a construção civil e vai prosseguir. Gigantes como a General Motors e a Ford estão à beira de pedir concordata. Além disso, por não conseguirem pagar as hipotecas, cinco milhões de famílias serão despejadas. A média de dívidas do cidadão norte-americano é de 139% de sua renda. Já endividadas, muitas pessoas ainda correm o risco de perder seus empregos ou ter seus salários rebaixados, o que é permitido pela legislação do país.

> **O que vai acontecer quando a esperança se transformar em frustração? O movimento operário ficará paralisado enquanto milhões perdem seus empregos e casas?**

Além disso, o mandato de Obama terá que enfrentar dois gigantescos déficits (o comercial e fiscal), cuja soma é de 1,3 trilhão de dólares, sem contar com os 700 bilhões destinados por Bush aos bancos. Obama já cobrou de Bush um novo pacote para as montadoras. Isso significa o desvio de dinheiro das verbas sociais para salvar grandes empresários.

Enquanto a consciência da população continua na direção da esperança, a realidade econômica se move na direção contrária. Obama passou a campanha vendendo ilusões para a população. Mas não poderá entregá-las. Com a recessão, a "esperança" será fraudada.

Na sua primeira entrevista como presidente eleito, Obama deixou claro que "sair do buraco não será fácil" e muitos dos seus assessores já falam em "adiar as promessas de campanha".

Assim como muitos órgãos de imprensa, o Wall Street Journal – conhecido jornal do capital financeiro - assinala que a brutal crise em curso e o déficit do Estado "limitarão as opções de que possa dispor Obama".

Provavelmente, os primeiros dias de governo, a partir de 20 de janeiro, serão marcados pelo envio de mais dinheiro a empresas e a adoção de instrumentos de regulação estatal nos mercados. O que não significa nenhuma mudança substancial do modelo atual. Seria uma tentativa de criar um "neoliberalismo mais regulado", mantendo as duras condições de exploração dos trabalhadores. Para isso, Obama já se cerca de antigas figuras neoliberais da administração de Bill Clinton e até mesmo da de Bush.

Obama poderá até culpar por algum tempo a "herança maldita" de Bush, mas para sair da crise sem atacar os empresários, seu governo terá que atacar brutalmente o nível de vida dos trabalhadores, convertendo a esperança em desilusão.

O que vai acontecer quando a esperança se transformar em frustração? O movimento operário norte-americano ficará paralisado enquanto milhões perdem seus empregos e casas?

A burguesia norte-americana tirou lições da Grande Depressão de 1929. Na época, o movimento operário levantou sua cabeça e realizou importantes greves, como a dos mineiros e a dos caminhoneiros em Minneapolis, em 1934. A força das greves fez surgir um sindicalismo combativo e um processo de reorganização do movimento sindical, culminando na criação de uma nova central independente, a CIO.

O fantasma de explosões sociais, sejam sindicais ou populares, assombra os capitalistas. A burguesia norte-americana teme uma nova luta da classe operária dos EUA, pois sabe que ela poderá fazer tremer os alicerces do imperialismo em todo o mundo.

UM NOVO TIO SAM?

POLÍTICA DE "GUERRA AO TERROR", criada após o 11 de Setembro, fez de Bush o presidente mais odiado no mundo. Eleição de Obama já provoca recuo na consciência antiimperialista.

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Obama oferece ao imperialismo uma excelente oportunidade de reciclar sua imagem perante o mundo. Afinal, ele apresentaria uma imagem muito mais simpática diante da face horrorosa de Bush e suas guerras genocidas. Um presidente negro, filho de um muçulmano, pode ser apresentado aos povos oprimidos como alguém que entende o sofrimento e o preconceito. Que está ao lado da maioria e dos explorados. Assim, forçando identificações onde não há, Obama poderá atrair simpatia e adormecer qualquer reação.

A simples presença de Bush em algum país já era o bastante para milhões saírem às ruas. A combinação das invasões militares com a crise dos planos neoliberais provocou uma consciência antiimperialista difundida em todo o mundo.

Com Obama, no início será diferente. Agora, dificilmente se realizarão protestos contra sua presença no Brasil ou na África, por exemplo. É até possível que o novo presidente seja recebido com festejos por organizações ligadas à luta contra opressão e o racismo. No futuro tudo isso mudará, mas por agora, a "nova face do imperialismo" vai enganar a muitos.

A opção por Obama é uma forma de a burguesia ianque tentar conter um enorme salto nas lutas em todo mundo. Nesse sentido, a própria eleição de Obama já provoca um recuo na consciência antiimperialista. Assim, seu governo responderia a necessidade de enfrentar a profunda crise do imperialismo e recuperar o papel de liderança dos EUA.

SAINDO DO IRAQUE?

Em outros países, um dos temas que mais despertam expectativas no governo de Obama é o da ocupação do Iraque. O democrata prometeu retirar as tropas daquele país em 16 meses, isto é, em maio de 2010. Obama não prometeu devolver os soldados a seus lares, mas sim transferi-los para o Afeganistão, guerra que considera "justa".

Alguns analistas, porém, mostram-se céticos quanto ao prazo. Primeiro, o Iraque está longe de uma estabilização política e militar. Uma retirada das tropas poderia significar a derrota militar dos EUA.

O discurso em relação ao vizinho Irã não tem sido muito diferente do de Bush, que apontava o país como parte de um "eixo do mal". Durante a campanha, Obama não parou de fazer ameaças ao Irã.

Ainda que palestinos tenham se alegrado pela derrota dos republicanos, não há sinal de mudanças por parte de Obama em relação à ocupação israelense. Tudo indica que o permanente apoio incondicional a Israel será mantido. Ochefe de gabinete de Obama será Rahm Emanuel, conhecido partidário da linha dura pró-Israel.

"COMPAÑERO" OBAMA

Tal expectativa de "mudança" já é também visível até mesmo na América Latina. A figura de Obama tentará recuperar o prestígio político dos EUA na região e impor um recuo na consciência anti-imperialista dos trabalhadores.

Para isso, já conta com a colaboração de governos ditos de esquerda, como Chávez, Evo Morales e Lula. Chávez, que por anos se utilizou de uma retórica anti-Bush, já demonstra os limites de seu suposto anti-imperialismo e saudou a vitória de Obama.

PARA ONDE VÃO OS EUA?

A vitória de Obama não vai fazer com que os EUA deixem de ser o país central da exploração capitalista. A crise econômica vai recair sobre as costas dos trabalhadores norte-americanos, assim como dos latino-americanos. A exploração imperialista vai se intensificar. Obama não tem a seu favor um novo período de crescimento (como teve Lula), mas o enorme peso de uma crise.

É possível que surja uma crise de grandes proporções nos EUA. A "mudança" prometida por Obama vai se transformar em uma mudança real...para pior. Caso os trabalhadores dos EUA entrem em luta, poderemos ter uma nova situação política na principal potência imperialista.

TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE

Barack Obama foi eleito presidente prometendo levar a mudança para Washington, mas a capital do poder nos Estados Unidos deve rever muitos nomes conhecidos. Logo após as eleições, o democrata já anunciou parte de sua equipe de transição, que integrará seu futuro governo.

O primeiro indicado foi Rahm Emanuel, que será o chefe-de-gabinete de Obama. O indicado atende pelo sugestivo apelido de "Rahmbo" e, como vimos acima, é um ardoroso defensor do Estado de Israel.

QUEM É QUEM

ESTES SÃO CONSELHEIROS E ASSESSORES de Obama, o homem da "mudança"

RAHM EMANUEL Conhecido como Rahmbo, considera Bush "light" quando o tema é Israel

PAUL VOLCKER Presidente do FED, o Banco Central dos EUA, com Reagan

ROBERT RUBIN Executivo do Citigroup, um dos criadores do Subprime

WARREN BUFFETT Homem mais rico do mundo, cotado para secretário do Tesouro

LAWRENCE SUMMERS Ex-Secretário do Tesouro de Clinton e ex-Banco Mundial

JAMIE DIMON Presidente do J. P. Morgan, banco de investimentos

TIMOTHY GEITHNER Executivo, ex-gerente do Fundo Monetário Internacional

COLIN POWELL Ex-secretário de Estado de Bush, coordenou a invasão do Iraque

MICHAEL MULLEN Um dos principais conselheiros militares de Bush

Quando o asssunto é economia, os principais assessores de Obama são Paul Volcker e Robert Rubin. Volcker foi presidente do FED, o banco central dos EUA, entre 1979 e 1987, nos tempos de Ronald Reagan. Volcker foi um dos pais do neoliberalismo e teve papel fundamental na implementação da globalização capitalista. Nos tempos de Reagan, seu lema era: "*as famílias norte-americanas têm que diminuir seu nível de vida*". Evidentemente, as famílias às quais ele se referia não eram as endinheiradas.

O processo neoliberal iniciado por Reagan continuou e foi aprofundado pela administração Clinton. Foi o presidente democrata que mais avançou na desregulação, na privatização e nos tratados de livre comércio. Robert Rubin, homem do capital financeiro e do Citigroup, como secretário do Tesouro de Clinton, foi quem arquitetou essa política. Foi sob sua administração - e não sob a de Bush - que tiveram início as apostas das hipotecas "subprime" e toda a parafernália especulativa que desembocou na atual crise.

Além disso, Obama já cotou Warren Buffett, o homem mais rico do mundo e mega-especulador do cassino financeiro mundial, para ser seu secretário do Tesouro. Outros conselheiros de Obama são Lawrence Summers, ex-Banco Mundial e secretário do Tesouro de Clinton; Jamie Dimon, atual presidente do Banco de Investimento J. P. Morgan; e Timothy Geithner, ex-gerente do FMI.

Como se não bastasse, Obama vai manter alguns funcionários de Bush. O caminho já tinha sido aberto por Colin Powell, que comandou a invasão do Iraque e, nos últimos dias das eleições, declarou apoio à Obama. Com ele está Michael Mullen, diretor da Junta de Chefes do Estado-Maior e um dos principais conselheiros de Bush para questões de segurança nacional, principalmente nas estratégias para o Afeganistão e o Iraque. Mullen, assim como Obama, defende o aumento da ofensiva no Afeganistão.

GREVE DOS SERVIDORES DA JUSTIÇA DO RIO COMPLETA 50 DIAS

Servidores da Justiça Estadual do Rio em greve fazem manifestação em defesa dos salários e do serviço público

MOVIMENTO DESAFIA a lógica do 'Estado mínimo'

SANDRO BARROS,
do Rio de Janeiro (RJ)

A greve dos servidores da Justiça estadual do Rio de Janeiro completou, em 10 de novembro, o seu 50º dia, sendo até o momento a segunda maior da história da categoria. Os trabalhadores reivindicam a aprovação do Projeto de Lei (PL) 1.666/08 — que garante reajuste de 7,3% retroativo a maio, mês data-base prevista em lei — e diversos itens da pauta interna entregue há meses à presidência do Tribunal de Justiça — entre eles, a concessão de auxílio-transporte.

Convocada pelo sindicato da categoria, o Sind-Justiça, filiado à Conlutas, a paralisação é forte desde o início e não pára de crescer. Ela já conta com quase 90% de adesão, de norte a sul do estado, atingindo comarcas que nunca antes haviam participado de uma greve. Uma das características da mobilização é a de constante realização de atividades nas portas dos fóruns, dialogando com a população e explicando os seus motivos.

Outra importante característica do movimento é a sua plena democracia, aonde quem dirige a greve é a base, através de comandos regionais e do seu comando geral, que reúne representantes de cada local. Seja qual for o resultado econômico desta greve, a categoria já obteve uma grande conquista: o surgimento de uma ampla vanguarda dirigente, parte da reorganização do movimento.

A aprovação do PL esbarra na feroz intransigência do governador Sérgio Cabral Filho (PMDB), um dos aliados de Lula e do PT. Apesar de o Judiciário ter enviado o projeto ao Legislativo somente após calcular a possibilidade orçamentária do mesmo — fica até mesmo abaixo do limite imposto pela famigerada Lei de Responsabilidade Fiscal —, Cabral o nega, interferindo diretamente na suposta "autonomia" entre os Poderes. O resultado é que a crise já atingiu a Assembléia Legislativa que deixou de apreciar qualquer mensagem de interesse do governador.

DOIS PROJETOS

O que está por detrás do impasse é a disputa de qual projeto de Estado sairá vencedor. O governo quer impor a destruição dos serviços públicos, atacando diretamente os salários do funcionalismo. Os trabalhadores vão no caminho oposto, afirmando que é necessário que o dinheiro público seja revertido para o atendimento das demandas da população, particularmente a sua parcela mais pobre.

"Os servidores estão radicalizados e buscam recuperar a sua dignidade, atingida há tempos pela política de privatização da Justiça. Estamos travando uma verdadeira queda de braço com os que governam a favor dos interesses da burguesia, em particular dos grupos financeiros. A greve tem exigido enormes esforços dos seus lutadores, mas acredito que poderemos sair vitoriosos", afirma Amarildo Silva, presidente do Sind-Justiça e militante do PSTU.

EM DEFESA DA ESTATIZAÇÃO DO PETRÓLEO E DA PETROBRAS

TODO APOIO À FORMAÇÃO DE UM COMITÊ NACIONAL DE CAMPANHA. Não apenas em defesa do pré-sal, mas de todo o petróleo do país, pelo cancelamento dos leilões e por uma Petrobras 100% nacional

AMÉRICO GOMES,
da direção nacional do pstu

A camada pré-sal é uma faixa que se estende ao longo de 800 quilômetros entre os estados do Espírito Santo e de Santa Catarina, abaixo do leito do mar. Vários campos e poços de petróleo já foram descobertos no pré-sal, entre eles o de Tupi, que conta com uma reserva estimada entre 5 e 8 bilhões de barris, sendo considerado uma das maiores descobertas do mundo nos últimos sete anos.

O governo diz que quer discutir as regras de exploração de petróleo, com objetivo de ganhar algumas migalhas a mais das multinacionais. Mas mesmo assim decidiu retomar os leilões de concessões de exploração de petróleo nas áreas localizadas em terra e em águas rasas.

CUT E FUP: CAMPANHA GOVERNISTA

No dia 1º de novembro, foi formado o Comitê de Defesa do Petróleo Pela Soberania Nacional, no Sindicato Unificado dos Petroleiros do Estado de São Paulo, com a presença da CUT, FUP e MST, para *"organizar a atuação unitária para garantir as riquezas do pré-sal para o povo brasileiro"*.

Cobrindo o governo Lula pela esquerda, o membro da executiva nacional da CUT Antonio Carlos Spis disse que "a campanha *'O pré-sal é do povo brasileiro' começou a arrecadar assinaturas para o Projeto de Iniciativa Popular pelo controle estatal e social do petróleo dentro de uma visão patriótica e nacionalista*".

Tal discurso esconde que nós temos que lutar não somente pelo pré-sal, mas para retomar todas as áreas petrolíferas tomadas ou entregues às multinacionais.

Infelizmente, o MST assume o mesmo discurso.

UMA POLÊMICA VIVA

Está corretíssimo desenvolver uma campanha pela Suspensão Imediata dos Leilões com, inclusive, manifestações no Rio nos dias 17 e 18 de dezembro, contra a 10ª rodada de leilões.

Temos, porém, que dizer claramente que o governo Lula manteve absolutamente a mesma política entreguista do governo FHC. Nos últimos 10 anos, os governos entregaram mais de 500 blocos de petróleo a 72 conglomerados econômicos, sendo a metade deles estrangeiros.

O governo precisa interromper imediatamente os leilões, parar com a exportação de óleo cru, possibilitando agregar mais valor, e desenvolver a indústria nacional. Caso prossiga, a exportação desenfreada vai nos obrigar a voltar a importar petróleo em 20 anos. Por isso é preciso controlar o ritmo da exploração.

Além disso, é necessário sim mudar o marco regulatório. Mas não para apenas aumentar a participação do Estado na exploração, ou mudar o modelo de concessão da exploração do petróleo, como alguns defendem.

São necessárias mudanças legislativas para estatizar a Petrobras sem nenhuma indenização e confiscar os campos que estão nas mãos das multinacionais. Exigimos uma Petrobras 100% nacional e a ruptura de todos os contratos com as multinacionais que exploram o petróleo em nosso país, inclusive as que já adquiriram áreas no pré-sal, em leilões anteriores.

A coordenação nacional da Conlutas aprovou o *"cancelamento dos Leilões das Áreas Petrolíferas; a retomada das áreas já licitadas; e a volta do monopólio estatal do Petróleo exercido por uma Petrobras 100% Estatal"*. Queremos uma Petrobras 100% Estatal, com o controle social pela classe trabalhadora. Chamamos os trabalhadores a não depositarem nenhuma confiança no governo Lula e no Congresso Nacional, que têm demonstrado, mais uma vez, serem agentes do grande capital.

Todo apoio à formação de um Comitê Nacional de campanha, no dia 17 de novembro. Vamos construir e preparar grandes atos no Rio de Janeiro, nos dias 17 e 18 de dezembro, contra os leilões.

RECESSÃO AVANÇA E DESEMPREGO JÁ É REALIDADE

CORTES NA PRODUÇÃO e férias coletivas são primeiros sinais da crise na chamada economia real

***DIEGO CRUZ**, da redação*

A relativa calma que predominou nos mercados nos últimos dias, após semanas de pânico, foi substituída pelo aprofundamento da crise aonde ela realmente se originou. Tantos nos EUA como no resto do mundo, passando pelo Brasil, a recessão avança a passos largos na chamada economia real, apesar dos pacotes bilionários anunciados pelos governos.

Nos Estados Unidos, foi divulgado o Produto Interno Bruto do terceiro trimestre. A economia norte-americana diminuiu 0,3%, puxada pela drástica redução do consumo. A renda individual do norte-americano caiu históricos 8,7%, a maior queda registrada desde 1947, quando a pesquisa começou a ser realizada. Só em outubro, 240 mil trabalhadores perderam o emprego nos EUA, selando o décimo mês seguido de avanço do desemprego, cuja taxa alcançou os 6,5%, maior índice desde 1994.

A indústria automotiva nos EUA é um dos setores que mais sofre com a crise. A General Motors, maior montadora do mundo, acumulou prejuízo de 2,5 bilhões de dólares no trimestre. Nem mesmo os lucros crescentes que a multinacional tem na América Latina e na África - e que são transferidos para a matriz - conseguem tapar o rombo da montadora. A empresa ameaça pedir concordata caso o governo não a ajude, o que, segundo a imprensa, poderia atingir também a Ford, devido aos seus fornecedores comuns.

CRISE EMERGENTE

No Brasil, os efeitos da crise vão aparecendo num ritmo cada vez mais grave e intenso. A "marola" prevista por Lula vai se transformando rapidamente numa tempestade. Férias coletivas e redução da produção em diversos setores prenunciam uma onda de demissões para o próximo período.

A Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) informa que a queda na venda de automóveis entre setembro e outubro foi de 13,8%. O número de veículos licenciados caiu 15%. O mês de outubro registrou ainda a primeira queda nas vendas em cinco anos.

A principal causa apontada para a crise no setor, um dos mais dinâmicos do país, é a escassez do crédito. A Anfavea estima que 70% dos veículos sejam vendidos através de financiamentos.

Reflexo disso, as montadoras anunciam ou ampliam férias coletivas, reduzindo de forma brusca a produção. A GM implementa um segundo período de férias coletivas em São José dos Campos (SP). Segundo o sindicato, a medida atinge de 3 a 4 mil trabalhadores. Além disso, a fábrica abriu um novo PDV (Programa de Demissão Voluntária). A montadora já havia concedido férias coletivas para parte da produção em São Caetano do Sul (SP) e Gravataí (RS).

Já a Ford vai paralisar parte da produção em Camaçari (BA), São Bernardo do Campo (SP) e Taubaté (SP) e antecipar as férias de dezembro. Na Zona Franca de Manaus, a produção caiu em 15% e montadoras de motocicletas como Honda e Yamaha, além de outros setores, também recorrem às férias coletivas. O sindicato dos metalúrgicos do Amazonas, filiado à CUT, chegou a fazer a absurda proposta de cancelar os contratos de trabalho, incluído aí os salários, durante quatro meses. Neste período, os trabalhadores receberiam apenas seguro-desemprego. O sindicato fez um apelo por empresas interessadas no "acordo", mas a resposta foi seca. Mais de 400 demitidos em uma só semana.

O desaquecimento da indústria arrasta o setor de mineração. A Vale reduziu sua produção, anunciou férias coletivas e o fechamento de três minas em Minas Gerais. A Votorantim Metais, grande produtora de zinco e níquel, demitiu recentemente 300 trabalhadores. A crise econômica vai se desenhando rapidamente e assumindo a forma de uma onda de demissões.

Quanto Lula já liberou para banqueiros e empresários

R$ 160 bi
aos bancos, em compulsórios

\+

R$ 10
para empresas exportadoras

\+

R$ 4 bi
para montadoras

\+

R$ 5 bi
para pequenas e médias empresas

R$ 179 bilhões

Foi quanto, aproximadamente, as mesmas montadoras enviaram a suas matrizes no exterior, de janeiro a setembro.

Mais R$ 19 bi para enfrentar a "marolinha"

GOVERNO LIBERA mais dinheiro a montadoras e empresas

Diante do agravamento da crise, o governo anuncia quase que diariamente novas medidas para ajudar bancos e empresas. Além da liberação do compulsório para bancos, o governo também concede linhas bilionárias de financiamento para empresas.

No dia 6, o ministro Guido Mantega divulgou novos incentivos para estimular a economia. No total, o pacote de bondade do governo chega a quase R$ 20 bilhões. Além dos já anunciados R$ 4 bilhões do Banco do Brasil para os bancos das montadoras concederem crédito para a compra de veículos, o BB dará mais R$ 5 bilhões às pequenas e médias empresas.

Já o BNDES vai liberar mais R$ 10 bilhões para garantir capital de giro e crédito às empresas, principalmente para as voltadas a exportação. O banco deve receber dinheiro do governo para garantir esses recursos às empresas.

Outra medida do governo é a prorrogação de um mês para receber impostos das empresas, como PIS e Cofins. De acordo com o próprio governo, tal medida atrasa a entrada de R$ 20 bilhões no orçamento público.

O pacote do governo Lula agradou os empresários. "Com tudo o que está sendo feito pelo governo, eu tenho orgulho de ser brasileiro", chegou a declarar um efusivo Abílio Diniz, dono da rede de supermercados Pão de Açúcar.

FINANCIANDO O DESEMPREGO

As montadoras no país estão em crise e pedem ajuda. No entanto, as remessas de lucros para as matrizes no exterior não cessam. Chegaram a 4,8 bilhões de dólares, ou cerca de R$ 10 bilhões, entre janeiro e setembro. Ou seja, enquanto recebem R$ 4 bilhões do governo, enviam mais do que o dobro para suas matrizes e ensaiam demissões.

O crédito liberado agora pelo governo, em tese, deveria ter sido concedido pelos bancos quando o governo alterou as regras do compulsório, liberando algo em torno de R$ 160 bilhões aos bancos. Os banqueiros, porém, ao invés de converter essa ajuda em crédito, preferiram embolsar o dinheiro, investindo em títulos da dívida para lucrar com os altos juros do próprio governo.

Para o governo, no entanto, não tem problema. Se os bancos não liberam recursos, ele libera. Na democracia do governo Lula, não só os lucros dos empresários estão garantidos. Dos banqueiros também.

Os únicos que ficam de fora são os trabalhadores e a grande maioria da população. O governo já estima que o Orçamento de 2009 será cortado em R$ 15 bilhões. Isso dá mais que os gastos com o programa Bolsa Família de 2008, de R$ 10 bilhões. Bem menos, porém, que a ajuda anunciada pelo governo nos últimos dias.

KIT GAION

PROTESTO - Um pequeno grupo de manifestantes do PSTU, do PSOL e da Conlutas protestaram no dia 7 em frente ao Hotel Hilton, em São Paulo, onde ocorria a reunião do G20, grupo que reúne os países mais ricos do mundo, e da União Européia. No cartaz do PSTU, a exigência de que os ricos paguem pela crise.
Os ministros do G-20 se reuniram em São Paulo para discutir a crise internacional e se prepararam para a cúpula em Washington, convocada por Bush para o próximo dia 15. O presidente Lula chegou de helicóptero.

EM DEFESA DE UMA ESTRATÉGIA SOCIALISTA

O DEBATE na esquerda perante a crise internacional

***EDUARDO ALMEIDA**, da redação*

Uma das conseqüências da crise econômica internacional é levar o debate entre a esquerda para um terreno estratégico. A profundidade da crise exige uma resposta programática de fundo por parte de todos os setores envolvidos.

A enorme campanha do imperialismo que afirma que o capitalismo é a única alternativa e que o socialismo morreu atingiu fortemente a consciência dos trabalhadores. No auge do neoliberalismo, essa ideologia tinha uma base material. Agora, a crise está vindo com força e toda essa falsa consciência vem abaixo. O debate capitalismo x socialismo está se restabelecendo.

Mas não se trata de uma discussão fácil. Depois da restauração do capitalismo no leste europeu, não temos mais a barreira do stalinismo. Mas por outro lado deixou de existir uma referência de sociedade não capitalista. Por isso, é muito importante retomar o debate estratégico neste momento, sob um referencial socialista.

POR QUE CHÁVEZ NÃO É UMA ALTERNATIVA AO CAPITALISMO

O governo venezuelano é uma referência para muitos setores da esquerda que acreditam no "socialismo do século 21" de Chávez. A sociedade venezuelana, porém, continua tão capitalista como nos tempos passados.

As multinacionais controlam a principal riqueza do país, o petróleo. Chávez apenas aumentou um pouco mais a participação do Estado nos lucros. As multinacionais são donas de 49% do petróleo e das instalações dos poços petroleiros e campos. No caso do gás, podem ser donas de até 100%.

Não estamos falando de pequenas empresas, mas do "socialismo" com a Exxon Mobil, a Chevron Texaco e a Repsol. Os bancos venezuelanos têm altíssimos lucros, exatamente como no Brasil.

Uma nova classe dominante muito forte está se formando a partir do aparato de Estado venezuelano, com o apoio direto de Chávez – a chamada "boli-burguesia", ou burguesia bolivariana. Inclui figuras como Diosdado Cabello, que comprou as indústrias dos grupos Sosa Rodríguez e Montana, três bancos comerciais e várias empresas de seguro, formando um dos maiores conglomerados do país.

> O chavismo vai buscar se apresentar como alternativa anticapitalista no meio dessa crise econômica

Já os trabalhadores vivem na miséria. Dos 26 milhões de habitantes, cerca de 10 milhões vivem na pobreza. Segundo o órgão governamental INE, 33,9% dos lares são pobres e 10,9% extremamente pobres. Existem pelo menos 1,2 milhões de desempregados, e metade dos empregados está no setor informal.

Igual a Lula e o Bolsa Família, Chávez combina a manutenção do capitalismo com programas sociais compensatórios (as "missões" chavistas), financiados pela renda do petróleo. Não existe nenhuma diferença de qualidade entre a vida material de um trabalhador venezuelano e a de um brasileiro – apesar do "boom" petroleiro e do discurso sobre o "socialismo" chavista.

O diagnóstico é claro: sem romper com o capitalismo não é possível resolver os problemas básicos dos trabalhadores, como salário e emprego.

O governo Chávez não é e nem pode ser uma modelo de alternativa à crise do capitalismo. Trata-se de um governo burguês nacionalista, como foram, em seus momentos, Perón, na Argentina, e Velasco Alvarado, no Peru.

CHÁVEZ TENTA OCUPAR ESPAÇO, COM APOIO DA DIREÇÃO DO PSOL

O chavismo vai buscar se apresentar como alternativa anticapitalista no meio dessa crise econômica. Recentemente foi realizado em Caracas uma Conferência Internacional de Economia Política, em que se votou um programa para a crise.

Como era de se esperar, a conferência patrocinada por um governo burguês votou um programa burguês de reformas, e não um programa socialista.

Segundo a principal proposta do evento, *"devem ser criadas novas instituições econômicas (multilaterais), sobre novas bases, que disponham da autoridade e os instrumentos para atuar contra a anarquia da especulação"*.

Essa é a mesma proposta de Ignacio Ramonet, um dos fundadores do Fórum Social Mundial, que defende um "novo Bretton Woods", a conferência de 1944 que fundou o FMI e o Banco Mundial.

Ou seja, não é preciso acabar com o imperialismo, mas criar novas instituições para buscar um capitalismo mais humano. Todos esses setores defendem uma alternativa por dentro da estrutura capitalista e imperialista atual. Nenhum deles defende uma ruptura com a dominação imperialista sobre nossos países e nem com a estrutura capitalista. Todos têm boas relações com o imperialismo europeu (Chávez, por exemplo, vive elogiando os governos europeus, como alternativa à Bush) e manifestam expectativas no governo Obama.

Assim, a estratégia dos reformistas é mais uma utopia reacionária de humanizar o capitalismo. Mas as grandes multinacionais vão continuar atuando sob a lógica de sempre nas crises: descarregando a conta sobre os ombros dos trabalhadores, com miséria e desemprego.

Infelizmente, o PSOL aderiu às resoluções dessa conferência de Caracas. Em sua reunião da executiva nacional, adotou uma resolução que diz: *"Por isso, em termos gerais, o PSOL apóia as medidas sugeridas pelos participantes da Conferência Internacional de Economia Política, recentemente realizada em Caracas"*.

ALBA: UM NOVO MERCOSUL

Segundo a resolução de Caracas, *"será chave em tal sentido desenvolver a maior complementação e a integração comercial regional em forma equilibrada, potenciando as capacidades industriais, agrícolas, energéticas e de infra-estrutura. Iniciativas como a Alba e o Banco do Sul deverão ampliar seu raio de ação e consolidar sua perspectiva para uma maior integração alternativa que inclua uma nova moeda comum, na perspectiva de uma nova arquitetura financeira mundial que viabilize outra inserção do Sul na divisão internacional do trabalho."*

> Para construir uma real alternativa dos trabalhadores é preciso manter a independência política diante dos governos burgueses de nosso continente

A Alba (Alternativa Bolivariana para as Américas) é definida pelo próprio Chávez como uma área de "livre comércio". Essa seria a alternativa. Mas ao não serem estatizadas, as grandes multinacionais continuarão controlando qualquer espaço econômico comum. A Alba é, assim, uma espécie de Mercosul, uma área de livre comércio ocupada pelas multinacionais instaladas no Brasil e Argentina. Um Mercosul com mais discursos antiimperialistas, mas com a mesma realidade capitalista.

A experiência dos trabalhadores brasileiros demonstra que o Mercosul não melhorou em nada a nossa vida. Melhorou sim para as multinacionais aqui instaladas, como as montadoras de automóveis que podem exportar para os países vizinhos com menos taxas. E ainda levou a uma maior exploração dos trabalhadores de países como o Paraguai e Uruguai.

O nosso horizonte estratégico não pode ser rebaixado a um "grande Mercosul". A necessidade real é a da ruptura com o imperialismo e com a dominação das multinacionais.

Nem Chávez e nem Lula vão expropriar os bancos e as multinacionais. Não é por acaso que a resolução da Conferência de Caracas não fala nada das multinacionais. Em relação aos bancos propõe o *"controle, intervenção, ou nacionalização sem indenização"*. Ou seja, propõe alternativas que vão desde o "controle" defendido por Bush até a "nacionalização sem indenização" que nós defendemos. E Chávez, até agora, não adotou nenhuma delas.

A luta pela libertação real diante do imperialismo terá de se dar contra estes governos. Devemos exigir delas a nacionalização sem indenização dos bancos, a estatização das multinacionais, o não pagamento da dívida pública, para garantir aos trabalhadores a estabilidade no emprego, um plano de obras públicas que assegure emprego a todos, assim como aumentos salariais.

Para construir uma real alternativa dos trabalhadores é preciso manter a independência política diante dos governos burgueses de nosso continente.

Com Palmares, contra a Casa Branca

Mulher segura cartaz com a inscrição "O povo unido, jamais será vencido" em protesto do movimento americano em dezembro de 2006.

> "Negros senhores na América
> A serviço do capital
> Não são meus irmãos "
>
> *Solano Trindade*

DAYSE OLIVEIRA,
da Secretaria Nacional de Negros e Negras do pstu

O Quilombo de Palmares deixou uma importante lição: não depositar confiança em nossos exploradores. Os versos de Solano Trindade, cujo centenário é comemorado neste ano, também reforça esse duro, mas importante ensinamento. O poema mostra que não devemos ter ilusões em negros a serviço dos capitalistas.

Hoje negros e demais trabalhadores em todo mundo festejam a vitória do primeiro presidente negro Barack Hussein Obama pelo Partido Democrata.

Não há dúvida que a eleição do primeiro negro a presidência da mais poderosa nação do mundo tem enorme impacto, sobretudo da população negra. Nos EUA o impacto se dá, sobretudo, pela história da própria nação construída com a mão de obra dos escravos africanos. Há pouco mais de 40 anos, ocorriam as extraordinárias lutas pelos direitos civis lideradas por Martin Luther King, Malcolm X, Panteras Negras, entre outros, que terminaram com a segregação, mas não com o racismo.

Mas Obama não está do nosso lado. É um representante da grande burguesia, mesmo tendo a pele negra. Não sofre a dureza que a maioria da população negra enfrenta no dia a dia. Não sofre a discriminação, violência e a falta de oportunidades que vive cotidianamente a maioria dos jovens negros norte-americanos. Obama está longe de sofrer a repressão contra os negros e negras do Haiti, cometida por uma ocupação militar apoiada pelo imperialismo norte-americano. Alguém acredita que Obama vai pedir para que se retirem as tropas do Haiti e cessem os assassinatos da população negra?

Obama não está do nosso lado. É um representante da grande burguesia, mesmo tendo a pele negra

CAPITALISMO E RACISMO

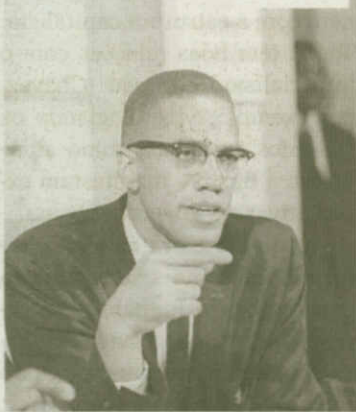
O racismo é um mecanismo fundamental para garantir a superexploração capitalista. Os salários e direitos trabalhistas dos negros e negras são inferiores e temos mais desempregados entre os negros que entre os brancos. Tudo isso serve aos capitalistas para rebaixar a média salarial do conjunto da classe trabalhadora e aumentar seus lucros. A opressão é um dos mecanismos da exploração. Isso confirma a conhecida frase do líder negro Malcom X : *"Não há capitalismo sem racismo!"*

Obama não tem nada a ver com os reais interesses dos explorados e oprimidos norte-americanos e do mundo. O novo presidente é um político burguês, sua campanha foi financiada pelos principais capitalistas ianques.

Na presidência dos EUA, ele vai contribuir para a exploração de outros negros e manter a opressão imperialista. Seus assessores são velhos quadros do imperialismo que já trabalharam para outros presidentes, inclusive Bush. Como disse um trabalhador: *"O presidente é negro, mas a Casa continua Branca"*.

Consideramos justo o sentimento de milhões de negros e negros nos EUA e no mundo. Mas a eleição de Obama não significa um passo real na luta para acabar com o racismo e a exploração. Pelo contrário. Nós afirmamos que, com a crise econômica, a situação para o povo negro vai ficar ainda pior, mesmo tendo um negro na presidência.

Os trabalhadores negros e negras sentirão com mais força a crise econômica e seus efeitos. E o racismo será uma arma do capital para explorar milhões.

Malcom X

Panteras Negras

Martin Luther King

Reafirmar a luta de Zumbi

Na Semana de Consciência Negra, novo movimento negro irá tomar as ruas do país

Desde seu surgimento até sua destruição, em 1695, Palmares atemorizava elites da época devido ao seu alto grau de organização política, social e econômica. Uma organização oposta à lógica colonial.

Cerca de 20 mil negros, indígenas e "despossuídos" que se abrigaram na Serra da Barriga mantinha um sistema coletivo de produção, negociavam com seus vizinhos e haviam criado sistemas próprios de justiça e administração.

Esta, com certeza, é a principal lição de Zumbi. Se, naquela época, a construção de uma república era o único caminho para a verdadeira libertação, hoje, somente a destruição da base de um sistema que superexplora a população poderá apontar para uma sociedade que permita a extinção do racismo.

Os negros continuam ganhando metade dos salários dos brancos. Ficam mais tempo desempregados, sua maioria é analfabeta e são as maiores vítimas da violência, como os jovens negros assassinados no Morro da Providência, no Rio de Janeiro. A crise econômica revela sinais de que este quadro tende a piorar.

Sob o governo Lula, a situação da grande maioria dos trabalhadores negros não melhorou. O IPEA divulgou que o salário dos brancos caiu, mas negros e mulheres ganham menos, além de continuarem a ser majoritários no trabalho sem carteira assinada e nos serviços domésticos.

Ter consciência negra é lutar contra o capitalismo. Devemos isso à memória e à luta de Zumbi, aos milhares de quilombolas que lutaram nesse país e a todos os negros e negras que há séculos lutam contra a opressão racial e a exploração capitalista.

Na Semana da Consciência Negra, o novo movimento negro independente dos governos, socialista de oposição ao governo Lula estará com força nas ruas!

No Rio de Janeiro, haverá um grande debate no dia 18, na Câmara de Vereadores. No dia seguinte, na Cinelândia, haverá uma aula pública, bancas de entidades e partidos e um ato-show, seguido de roda de samba em homenagem ao compositor e sambista Luiz Carlos da Vila, que faleceu no dia 20 de outubro. Em outras capitais, como Salvador e São Paulo, também estão marcadas atividades e passeatas.

WWW.PSTU.ORG.BR
Confira as atividades da Semana da Consciência Negra